

## QUEM É “GÓRGIAS”, NO GÓRGIAS PLATÔNICO?

*Data de aceite: 02/06/2023*

**José Venâncio do Vale Neto**

**RESUMO:** “Conheça te, a ti mesmo”, frase socrática clássica que insere a questão da necessidade que um ser humano tem de conhecer a si próprio, entender quem é e, assim, ter sua identidade definida. Entretanto, “identidade” é algo encarado muito mais como uma construção do que como um fator previamente existente, na pós-modernidade, pensadores como Zygmunt Bauman e Stuart Hall entendem tal construção como uma conexão de fatores sociais, culturais e políticos. Pensar na identidade de alguém e debater tal fator é um esforço para tentar compreender seu contexto e como o próprio identifica-se; Platão não retrata a figura de Górgias com qualidades verídico-realistas plenas, mas como um personagem com o fim de retratar uma reflexão, assim, podemos então questionar a figura de Górgias para tentar entender melhor também o debate que Platão levantou em sua obra, abordando a questão da retórica, da persuasão e da figura socrática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade. Filosofia. Platão.

**ABSTRACT:** “Know thyself”, a classic Socratic quote that give us the question of a need that all human beings have to know themselves, understand who they are and, thus, have their identity defined. However, “identity” is seen much more as a construction than as a previously existing factor, in post-modernity, thinkers such as Zygmunt Bauman and Stuart Hall understand such construction as a connection of social, cultural and political factors. Thinking about someone’s identity and discussing this factor is an effort to try to understand their context and how they identify themselves as people; Plato does not portray the figure of Górgias with truthful-realistic qualities, but as a character in order to give us a debate on his dialogue, so we can then question the figure of Górgias to try to better understand the debate that Plato raised in his work, addressing the question of rhetoric, persuasion and the Socratic figure.

**KEYWORDS:** Identity. Philosophy. Plato.

### 1 | INTRODUÇÃO

Este artigo surge como fonte de uma pesquisa que tem por objetivo responder ao questionamento de “Quem é Górgias,

no Górgias platônico?” e é notável a orientação do professor doutor Vicente Thiago Freire Brazil, neste projeto englobado pela iniciação científica. Por meio de uma análise do texto “Górgias de Platão” de Daniel R. N. Lopes, que complementa a discussão da obra com notas e teses introdutórias, e uma coletânea bilingue (em grego e português) do texto de Platão foi realizado o estudo. Assim, sigo a pesquisar e construir uma discussão neste texto com a finalidade de perseguir uma singular e multifatorial resposta para a pergunta central do tema. Como dito introdutoriamente por Daniel Lopes, apesar de Sócrates ser a personagem mais recorrente de Platão transmitir ao público suas doutrinas e reflexões, ao criar o “filósofo por excelência”, ainda há uma repercussão de ideias que são atribuídas às outras personagens, como por exemplo o tema central deste resumo: Górgias, o “bom rétor”.

A Poesia e a Filosofia, uma verdade construída pelo discurso, mas que atinge dois fatores distintos do ser humano, sendo, respectivamente, a emoção e a razão pontos destacados na obra de Daniel Lopes e representados por Platão com os personagens de Górgias e Sócrates, em uma discussão que contempla temas sobre identidade e verdade, persuasão e razão, dialética e retórica. Porém, afinal, como seria então construída uma identidade? Para Platão e representado por Sócrates, tal fato já existe, pois, as formas e as ideias estão apenas sendo representadas neste mundo, entretanto, ao pensar em Górgias, temos a construção de uma verdade e de uma identidade. Entender quem é Górgias para Platão é ir além de apenas pensar em sua pessoa, mas é pensar em sua personagem, entender como Platão o apresentou, o caracterizou e como o mesmo se manteve diante dos questionamentos de Sócrates. Entender a identidade de alguém que nem mesmo acreditava em uma verdade existente, é entender a identidade mutável de um ser, tudo por meio de um diálogo, do discurso e da retórica.

“Antes de Sócrates ser construído por Platão como a figura do filósofo por excelência nos diálogos, Sócrates comparecia com certa frequência nos palcos dos teatros, como alvo de sátiras dos poetas cômicos de sua época.”, assim como Sócrates foi alvo dos poetas comediógrafos, Platão seguiu este padrão, deste modo, temos figuras historicamente tidas como inquestionáveis e plenamente conspícuos tendo suas representações em sátiras; Platão não será lido nesta pesquisa como uma certeza universal ou uma figura inquestionável, mas sim um ícone que tenta transmitir reflexões e tal filosofia será analisada por uma ótica que entende o contexto da poesia, da filosofia e da retórica, neste período. Ainda deve ser pontuado que as reflexões ocorridas no grupo de estudo “Outros de Platão”, que se focou em estudar “o Banquete” e é ministrado pelo professor doutor Vicente Thiago Freire Brazil, tiveram tremenda influência sobre a forma como pensei o texto platônico, passando a estudar tal obra de uma forma desconstruída e pensando o texto não como uma obra que termina em si, mas como fruto de seu contexto e conexões históricas. Uma visão de Platão e Sócrates que visa ver além da figura de filósofo por excelência e que tenta transmitir a importância da identidade da personagem Górgias para os diálogos de

Platão.

## 21 O “GÓRGIAS” DE PLATÃO

Nascido na Sicília, em Leontinos e então nomeado como “Górgias”, o pensador é alguém que pode ser julgado pelo título de “pai dos sofistas”; foi orador discípulo de Empédocles, mestre de Polo de Agrigento, de Péricles de Isócrates e de Alcidas de Eleia. Foi este pensador que deu à retórica e seu aspecto cultural toda a força e capacidade persuasiva, mediante o ato de usufruir de “tropos, metáforas, alegorias, hipálages, catacreses hipérbatos, anadiploses, epanalepses, apóstrofes e párisos” (JABOUILLE, 1993, P. 14), o retórico cobrava cem minas por aluno, para habilitá-los em seus ensinamentos, o mesmo ainda teve longos cento e nove anos de vida e deixou muitas escrituras. Entretanto, não deste Górgias em específico que Platão discorre, descreve e engloba a narrativa de sua obra, mas sim, sob um construto de características baseadas em uma relação verossímil, mas ainda metafórica, com um personagem que serve de receptáculo para uma reflexão representada por meio do discurso dialética com outro personagem de relação verossímil que é recorrente nas obras platônicas e este é a figura de Sócrates, que é conhecido pela ótica de Platão como um “filósofo por excelência”.

“Interroga-o!” (LOPES, 2020, P. 169), afirma Sócrates em seu momento inicial da narrativa platônica, com a finalidade de conduzir a um debate seus companheiros: Cálicles e Querefonte, que ali presentes estavam e assim, por meio de tal diálogo, debater a identidade de Górgias, pois, assim como Sócrates pontua posteriormente “se ele fosse artífice de sapatos, ele decerto te responderia que é sapateiro” (LOPES, 2020, P. 169), assim, concluindo que por meio de inferências do trabalho de Górgias, de sua arte – de sua profissão – pode-se então chegar a uma conclusão para sua persona. Querefonte por sua vez ao ser confrontado pela oportunidade dada a ele por Sócrates e pelo momento, indaga a Górgias se seria então verdade que ele o responderia qualquer pergunta, o que o mesmo de imediato confirma e ainda completa dizendo que “há muitos anos ninguém ainda me propôs uma pergunta nova” (LOPES, 2020, P. 170); mesmo com tal confirmação dada pelo próprio Górgias, a indagação de Querefonte é imediatamente interrompida por Polo, que se coloca no lugar e propõem então responder a tal questão; em seguida um embate discursivo se dispõem entre os companheiros das figuras principais, uma forma de Platão testar as ideias que em seguida serão contrastadas pelos dois principais (Sócrates e Górgias), mas usando de seus acompanhantes: Querefonte e Polo, deste modo, o companheiro do filósofo inicia com a indagação voltada para Polo, “se Górgias tivesse o conhecimento da mesma arte que seu irmão Heródico, que denominação lhe seria mais justa? Não seria a mesma que conferimos àquele?” (LOPES, 2020, P. 171), o que é logo confirmado por Polo, em sequência Querefonte indaga mais uma vez de forma comparativa sobre a arte de Górgias, citando que caso tivesse conhecimentos de pintura o mesmo seria

um pintor, o que novamente é confirmado por Polo, entretanto, por conseguinte, o indagador complementa com a questão de que todos ali saberiam a arte em que Górgias é dominante e então qual seria o nome de tal arte e a que nome deveríamos chamar a pessoa que a exerce a prática dela. Polo imediatamente o responde: “as artes são abundantes entre os homens, descobertas da experiência experimentalmente. Pois a experiência faz com que a nossa vida seja guiada pela arte, enquanto a inexperiência, pelo acaso. Diferentes homens participam de cada uma delas de formas diferentes, e das melhores artes, os melhores homens. Dentre estes últimos, eis aqui Górgias, que participa da mais bela arte” (LOPES, 2020, P. 173), as tais perguntas anteriores sendo logo então seguidas por esta resposta de Polo evidenciam um aspecto da escrita platônica que refere ao intento de transmitir as ideias de ambas as partes envolvidas, no caso momentâneo de Polo e Querefonte e a posteriori de Górgias e Sócrates, neste ponto há um confronto entre as ideias de *technai* que residem em seus discursos, sendo a visão Polo-Górgias uma concepção a partir de uma relação íntima entre *technê* e empeiria, pois, assim, como a experiência originaria as técnicas, não haveria necessidade de conhecer inicialmente a definição de tal coisa, pois o fator de ela existir e ser experienciada já permite o entendimento de tal. Entretanto, tal pensamento vai contra a razão socrático-platônica e, neste momento, de Querefonte, por conta de haver influência a partir do conceito de realismo socrático, um realismo que necessita da descrição, da definição e de um conceito de essência.

Portanto, ao ouvir a resposta de Polo, Sócrates se põe em discurso e aponta o fato de que a retruca em questão não apresenta uma definição do que é a arte de Górgias e, muito menos, responde ao questionamento sobre qual seria a técnica exercida e praticada por Górgias, assim ditando que “a pergunta não me pareceu absolutamente respondida” (LOPES, 2020, P. 173), Sócrates destaca que não irá continuar a perguntar para Polo sobre Górgias, pois esse estaria praticando a arte da retórica e não do diálogo, o que então resulta na fala direta de Górgias, assim ocorrendo o contraste pleno entre ambos de modo concreto na narrativa platônica; Sócrates segue então ditando como será feita esta discussão entre ele e Górgias, assim a caracterizando como um embate que um fará as perguntas e o outro lhe dará respostas, onde o primeiro ditou a limitação de que o artífice da retórica estaria limitado às mais curtas respostas, pois segundo o filósofo: “eis o que é preciso, Górgias, e exhibe-me justamente isto, um discurso breve; um discurso longo, deixemos para outra ocasião!” (LOPES, 2020, P. 179), de tal forma, Górgias pede então para o filósofo o indagar, pois para tal debate seria de essencial necessidade a participação dos dois que então estariam incorporando o ápice de suas ideias, por meio deste discurso com a temática e intenção de confrontar uma real identidade da arte e técnica de Górgias para assim o caracterizar enquanto individuo ambos estão confrontando ideias sobre a *technai* e sobre a própria capacidade de dar significado as coisas no mundo, sendo elas artes, pessoas ou a própria idealização de um conceito. “dize-nos tu mesmo, Górgias, como devemos te chamar e de que arte tens conhecimento!” (LOPES, 2020, P. 175), assim,

incita Sócrates para que o outro possa responder-lhe, o que é lhe feito com uma resposta afirmativa em que Górgias diz ser praticante da retórica, desta forma, logo em seguida, o filósofo segue com o questionamento da nomenclatura do praticante da retórica, citando “rétor” como a possibilidade, o que Górgias o responde não apenas afirmativamente, mas com a caracterização de ser “um bom rétor”, demonstrando o orgulho e estima que o mesmo tem com sua arte.

### 3 | A RETÓRICA E A PERSUASÃO DE GÓRGIAS

Com o embate de ideias, Sócrates segue em seu método dialético-retórico de questionar Górgias até que o mesmo encontre a resposta que o filósofo já tem em mente, sendo assim, há questionamentos sobre as “Artes”, sobre o porquê da retórica se caracterizar como tal, apenas pelo uso do discurso, como dito por Górgias que “aos discursos” estariam ambientados os territórios da retórica, ao modo em que Sócrates continuamente o incita com paralelidades discursivas ao citar tipos diversos de discurso, aos quais as outras “profissões” ou “artes” também usavam de tal, se o médico também usava do discurso em sua profissão, se o político também o fazia, se o sapateiro o mesmo, então em qual ponto a retórica surge enquanto retórica e cria uma fronteira com estas outras formas de *technai*, a questão então aparenta avançar ao ponto em que Sócrates busca e, assim, é dito em seguida pelo rétor: “a meu ver, ser capaz de persuadir mediante o discurso [...] Ademais, por meio desse poder terás o médico como escravo.” (LOPES, 2020 P. 191). A “Persuasão”, o ato de mudar a opinião de outras pessoas e até suas visões de mundo, a ideia de que a própria verdade seria uma construção do discurso, por meio dos questionamentos feitos a Górgias, Sócrates está então criando uma imagem, a imagem de um artífice que tanto ele quanto Platão tenderam a criticar muito, por ser uma clara oposição às suas maneiras de entender a razão e o mundo, uma contraposição ao realismo socrático que busca o entendimento pleno da descrição de todas as coisas, tal ideia jamais seria capaz de integrar-se ou aceitar plenamente uma construção de mundo plenamente pelo discurso, uma ideia gorgiática de realidade pela prática e a experiência interagindo com as ideias. Entretanto, segue-se então a discussão de tal forma que Sócrates indaga ao rétor se quem ensina também estaria praticando da persuasão, o que Górgias responde afirmativamente.

Assim, sabendo de tal afirmação, o filósofo então indaga se todas as outras profissões também não seriam retóricas (novamente), pois todas tiveram de ser ensinadas e tendem universalmente a precisarem serem repassadas pelo ensinamento no futuro, desta forma, também usam da persuasão e usam do discurso; mais uma vez Sócrates tenta quebrar o identitário de Górgias enquanto rétor e sua ideia de técnica, ao confrontá-lo com seu próprio ideário, o fazendo questionar se o que ele faz poderia ser diluído no mar de artífices e se a tal retórica não seria apenas uma ferramenta de outras diversas profissões. “Queres,

assim, que estabeleçamos duas formas de persuasão: a que infunde crença sem o saber, e a que infunde conhecimento?” (LOPES, 2020 P. 197), indagação feita por Sócrates para Górgias, cuja qual o segundo responde “Com certeza.” (LOPES, 2020 P. 197), de modo que, tal questionamento se apresenta nesta linha de diálogo platônico como uma ideia defendida pela personagem de Górgias, assim podemos pensar em uma verdade que pode ser mudada, persuadida, criando uma crença seja esta então completamente sem conhecimento ou o oposto disso. Um conceito bidimensional e até antitético de *logos*, de um modo contrastado entre um *logos* falso e um verdadeiro, um que busca a sedução da *doxa*, ao modo que: “um *logos* oportuno sobre uma *doxa* que é, na verdade, simplesmente um ouvir dizer que, um achar que, que pode, com arte, ser alterada [...] o verdadeiro e o falso em Górgias: o *logos* será verdadeiro na medida em que for proferido com base na experiência dos fatos ou numa correta percepção dos elementos.” (DINUCCI, 2010, P. 224), desta forma tem-se nesta discussão entre o filósofo por excelência e o bom rétor, um embate de verdades que buscam entender uma identidade e a realidade, pois, por mais que Górgias se caracterize como rétor, Sócrates ainda se mantém insatisfeito com tal resposta, aguardando uma resolução que difere da imagem tida até então por Górgias como sua identidade.

Um conceito muito trabalhado neste diálogo é a ideia de construção pelo discurso, sendo a verdade um ponto que é referenciado em uma relação de antítese, sendo Sócrates e Górgias defensores de ideias em plena oposição, pois enquanto um tenta por meio da retórica e dialética trazer à tona uma resposta que o mesmo já imaginou, o outro pensa em uma verdade construída, líquida e instável, plenamente mutável por meio de um discurso. Vale ainda destacar que a figura de Górgias não é de um rétor comum, mas de um detentor da “arte do falar” que é deveras teatral, discursando não apenas com palavras, mas também com a emoção, buscando não apenas convencer, mas cativar os sentimentos. “Ao distinguir tipos de persuasão, Platão a liberta do domínio da atividade praticada pelos políticos e outros oradores”, é complementado ainda que “Persuasão e Retórica não são termos intercambiáveis, principalmente se considera a presumida arte dos discursos praticada nos tribunais, assembleias e outras aglomerações de Atenas de então”, sua pontuação final foi que “não interessa à filosofia como concebida por Platão aparentar conhecimento do que não se sabe, ou adular em vista de modificar opiniões, mas parece-nos que provocar persuasão na alma dos ouvintes interesse bem à filosofia.” (SANTOS, 2012, P. 169).

A vertente de persuasão em que a retórica é colocada por Górgias é a do âmbito “geradora de crenças”, o que o filósofo questiona que a retórica não ensina nada sobre o justo e o injusto, apenas se compreende a infundir a crença, o que novamente é replicado com uma afirmativa. “Portanto, tampouco o rétor está apto a ensinar os tribunais e as demais aglomerações a respeito do justo e do injusto, mas somente a fazê-los crer”, complementa Sócrates ao afirmar indiretamente que o postulado de Górgias sobre tornar qualquer um seu escravo por meio da prática desta persuasão apenas é possível caso os

ouvintes e tais aglomerações descartem a essência de seus assuntos e de suas artes, para assim focarem na crença, pois, para tal escravidão retórica ocorrer, o rétor deve dominar cativamente o público, mas tal coisa não ocorrerá sem uma suspensão da sua crença originária, para haver uma substituição por essa crença retórica. É neste ponto em que podemos observar a contraposição existente entre a Retórica e a Dialética, pois enquanto o foco de uma é o convencimento, a substituição de crenças e a consolidação de opiniões, segundo o personagem de Platão, teríamos para a Dialética um processo construtivo de ideias, similar ao que o próprio Platão já faz nesta narrativa ao contrapor Sócrates e Górgias em posturas de tese e antítese, com a finalidade de criar uma reflexão, é notória a idade de tal texto e a ausência de compreensões contemporâneas com tais conceitos, mas uma análise discursiva entre o filósofo por excelência de Platão e o personagem do bom rétor já permite a evidenciação de postulados que foram e são usados contemporaneamente para os termos de Dialética e Persuasão.

#### **4 | IDENTIDADE, DÚVIDA E BELEZA**

Para entender a extensão da dúvida “quem é Górgias?” foi necessário o apanhado prévio sobre concepções e afirmações usadas por Platão por meio de seus personagens, assim, podemos compreender que a questão da identidade do bom rétor que Sócrates tanto pontuou ser necessária está correlacionada ao fator das ideias defendidas por Górgias e sobre sua forma de entender o mundo, temos assim um personagem que engloba as principais características com as quais associamos aos sofistas em leituras contemporâneas, visto que o mesmo rétor já afirmava sobre a inconsistência de assertivas e de descrições profundas para a essência das coisas: “nem o Ser é, tal como será demonstrado, nem o não-Ser, o que também se explicará, nem tampouco o Ser e o não-Ser, como será igualmente analisado; logo, nada é” (SANTOS, 2008, P. 44), seguindo a linha gorgiana de pensamento realístico para o mundo temos um embasamento na concepção de que nada é plenamente certo, nem o “Ser” e nem o “não-Ser” são ideias plenas e completas que podemos explicar com uma única descrição. Tal fato vai de oposição ao método socrático de pensar o mundo, visto que, temos para o Sócrates platônico que descrições e enumerações de fatores irão guiar um discurso ou diálogo a uma assertiva sobre o mundo, assim caracterizando o realismo socrático tão usado pelo personagem nesta obra platônica em análise.

Com a persuasão gorgiana em pauta, temos o surgimento da dúvida quanto ao próprio conhecimento e o discurso, visto que, tal convencimento e manipulação de multidões pode ser tão perigoso que é ressaltado pelo personagem Sócrates ao citar que “se ele for, então, mais persuasivo do que o médico, ele se torna mais persuasivo do que aquele que tem o conhecimento?” (LOPES, 2020 P. 212), desta forma caracterizando que mesmo em um debate entre uma pessoa plenamente apta para discursar sobre sua

arte e seus conhecimentos, caso haja uma escassez em cativação da multidão, caso suas capacidades persuasivas sejam ineficientes em comparação a um rétor que apenas domine da persuasão, logo, seus conhecimentos passarão por discursos vazios. Contudo, notando tal problemática Sócrates aponta a questão da justiça e injustiça para os artífices e na própria retórica, visto que previamente já haviam tocado em tal assunto, de modo a superficialmente debaterem sobre a justiça da retórica, mas com tais afirmações dadas e apontadas nesta etapa de seu debate não de indagar então “portanto, o rétor jamais quererá cometer injustiça.” (LOPES, 2020, P. 217), o que é confirmado por Górgias, o que logo em seguida é retomado pelo filósofo ao complementar com “no princípio da discussão, Górgias, foi dito que a retórica não concernia aos discursos relativos ao par e ao ímpar, mas aos relativos ao justo e ao injusto, não é?” (LOPES, 2020, P. 2019), assim, o filósofo apresenta na discussão uma clara problemática gorgiana que é a paradoxalidade da injustiça e da justiça, pois, o bom rétor afirma que todo praticante da retórica seria um ser justo e sabido de tais concepções, mas que claramente tem o poder e as oportunidades de exercer da persuasão para não apenas convencer, mas desacreditar aqueles que tem plena funcionalidade de suas técnicas e conhecimentos, de tal forma que tal prática teria de ser injusta.

Polo ao ouvir a afirmativa socrática sobre a injustiça da retórica logo infere que Sócrates estaria de conduzir a discussão para uma reflexão própria do mesmo, tendo em vista que a temática da discussão e as regras foram arbitrariamente proferidas pelo filósofo, o que resulta em uma inversão nas posições do debate, assim, o personagem Sócrates agora há de responder às indagações de Polo que de imediato profere: “reponde-me, Sócrates: visto que Górgias te parece cair em aporia sobre a retórica, o que afirma que ela é?” (LOPES, 2020, P. 223), porém, a resposta obtida por Polo ao questionar a que arte a retórica deveria pertencer é: “nenhuma”, Sócrates afirma que a retórica não possui a “experiência”, torna-se algo incapaz de produzir coisas de deleite e prazer ao mundo, o que Polo logo indaga sobre a beleza da retórica, o que torna um claro paralelo ao início da narrativa platônica em que Polo afirmara que a arte de Górgias seria a mais bela de todas ao ser confrontado por Querefonte, contudo, em atual ocasião o mesmo reflete junto de Sócrates sobre a beleza de tal arte, com a resposta sendo “não é arte, mas experiência e rotina”, assim definindo que a retórica não seria detentora de alma dada suas conjecturas, não seria corajosa ou mesmo naturalmente prodigiosa para se relacionar com o mundo dos humanos de forma plena, mas, nas palavras do personagem: “um simulacro de uma parte da política”.

## 5 | A VERDADE DE PLATÃO EM GÓRGIAS

É notório que a questão da verdade dentro do âmbito da filosofia é uma problemática antiga, pois de Platão a Foucault como será feito essa análise paradoxal, é encontrada

versões teóricas distintas desse conceito tão abstrato criado pela humanidade, de modo que mesmo a questão do “ser” e suas individualidades encontram-se associadas a essa questão, pois enquanto o “ser” é, o “não ser” não é.

Para Foucault temos que a verdade é uma construção dentro de todas as relações sociais e de poder que ocorrem em uma sociedade, de modo que dentro dessas relações é construída uma narrativa para justificar, legitimar ou destruir uma dominação, pois a verdade estaria associada aos dispositivos de poder que tanto são usufruídos dentro de um conjunto de pessoas vivendo em interação constante. Contudo, para Platão, a verdade não é algo a ser encontrado exclusivamente no mundo terreno-material, visto que em sua teoria das formas é teorizado uma existência metafísica para tal conceito que é a verdade, de modo a termos que a verdadeira forma, sentido e existência das coisas é apenas encontrada no plano das ideias, onde é originado tudo de nosso mundo; um clássico exemplo é o da cadeira, da forma que uma cadeira jamais irá expressar plenamente o conceito de cadeira, visto que a mesma não consegue comportar toda a variedade de cadeiras que existem, a forma originária e real da cadeira seria apenas possível de ser encontrada no mundo das ideias, pois aquela seria a ideia e a forma real do conceito cadeira. Enquanto entidade sólida, imutável e real, a verdade poderia então ser encontrada através da razão, o que já de princípio encontra-se em antítese com a concepção de verdade para os sofistas, que acreditavam em uma verdade que não apenas é construída, mas que de início nem mesmo existe e apenas a argumentação pode fazê-la surgir dentro das interações humanas, ou, nas palavras de Górgias do texto: “se um retór e um médico se dirigirem a qualquer cidade que quiseres, e lá se requerer uma disputa entre eles mediante o discurso, na Assembleia ou em qualquer outra reunião, sobre quem deve ser eleito como médico, mas seria eleito aquele que tenha o poder de falar, se assim ele o quiser” (LOPES, 2020, P. 202 - 203), assim destacando que mesmo se um praticante da retórica tivesse de competir com um praticante de medicina sobre quem seria eleito médico para um grupo de pessoas, apenas quem convencesse as pessoas seria realmente o médico daquele lugar, dessa forma a verdade de um sofista está atrelada com a persuasão. Ao inserirmos tal problematização dentro do texto platônico Górgias, teremos a discussão dialógica que ocorre no texto sob uma nova perspectiva, pois temos um debate exatamente sobre a verdadeira conceituação da identidade de Górgias.

## **6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo científico teve em sua busca central o cerne da pergunta “Quem é Górgias na obra platônica?”, o ser criado por Platão e intitulado de Górgias, além de servir para debater a identidade do mesmo que é construída na obra platônica em contraponto com sua versão histórica é também, por consequência, um objeto de análise deste embate filosófico que ocorre entre Górgias e Sócrates, colocando em contraponto ideias de sofismo

e filosofia dentro da ótica platônica, de modo que é ressaltado sempre o lado da filosofia de Sócrates.

Ao pensar na ideia de identidade por meio dessa relação dialética de contraposição entre os dois pensadores, teremos uma visão mais ampla do próprio pensamento platônico e da filosofia em si. Não basta apenas dizer que Górgias foi um sofista, Sócrates o confronta com indagações acerca de todas as artes e da própria retórica, questiona a identidade que o rétor tem de si e de sua arte. Assim como Sócrates não se contenta com uma resposta simples (por mais que o mesmo tenha pedido de Górgias, apenas respostas simples) esta pesquisa também é incapaz de aceitar apenas uma resposta curta, vê-se necessário fazer uma análise minuciosa acerca da problemática da verdade nos diálogos platônicos e uma reflexão acerca da própria ideia de identidade que ainda estava em desenvolvimento nesta época, mas também precisamos questionar a própria ideia de filosofia socrática, visto que em meio ao diálogo platônico, o então tido como “filósofo por excelência” apresenta diversas contradições, nunca em seu diálogo, pois ainda é o ídolo do criador da obra, mas em sua postura e atitude quando levamos em consideração sua persona histórica e suas outras personas literárias; desta forma, temos não apenas um Górgias próprio da literatura platônica, mas um Sócrates multifacetado, pois conforme Platão mudou com o passar dos tempos, sua visão de Sócrates e sua escrita foi alterando-se.

Górgias a todo instante do diálogo é coloca em uma posição passiva dentro da argumentação, ele é aquele que recebe as indagações, como se o próprio Platão estivesse se questionando quem Górgias era, enquanto tenta construir esse personagem em meio a tantas informações que o mesmo possuía de fatores históricos. A dedução que temos então de quem é Górgias, gira em torno não de uma resposta em si, mas de uma reflexão, pois quando Platão criou este personagem ele não buscou nos dar uma resposta simples, mas transmitir uma relação dialética. Górgias é um sofista, um personagem, um pedaço de uma discussão maior; Górgias é esta reflexão, é o que deu início a este debate sobre identidade e verdade. Assim, temos que para Platão, a resposta da pergunta titular deste artigo é que Górgias é um meio para uma discussão onde o autor transmite fatores históricos e visões sociais, que sem tal obra e tal personagem, ficariam presas em seu tempo, contudo graças ao personagem de Górgias temos o resgate disso em nosso tempo presente e neste artigo.

Fatores socioculturais como a sexualidade, a religião, a identidade e a verdade, passam a ser construídos com o avançar do tempo nas sociedades, deste modo, entender como a identidade foi construída no diálogo de Górgias, é essencial para também pensarmos melhor sobre nossa própria ideia de identidade, pois com o decorrer dos séculos diversos filósofos teorizaram sobre essa temática que já é apresentada no debate entre Sócrates e Górgias, um debate essencialmente entre a filosofia e o sofismo, contato por um filósofo, mas que necessita de uma análise desconstruída da visão platônica.

## REFERÊNCIAS

**DINUCCI**, Aldo. Sócrates estabelecendo as fundações da crítica à retórica através de sua concepção de technê. Sergipe: [s. n.], 2010.

**JABOUILLE**, Victor. Górgias, Testemunhos e Fragmentos. Tradução: Manuel José de Sousa Barbosa, Inês Luisa de Ornellas Castro. 1. ed. Lisboa: Edições Colibri, 1993.

**LOPES**, Daniel RN. Górgias de Platão. OBRAS II. Editora Perspectiva SA, São Paulo, 2016

**SANTOS**, Claudiano Avelino dos. Distinguindo Persuasão e Retórica no Górgias de Platão. 28. ed. São Paulo: Hypnos, 2012.

**SANTOS**, Claudiano Avelino dos. O Górgias retórico e o Górgias de Platão. São Paulo: [s. n.], 2008.